

**ENSINO E FORMAÇÃO DE LEITORES DE TEXTOS LITERÁRIOS EM
LÍNGUA ESTRANGEIRA MODERNA/INGLÊS
TEACHING AND TRAINING OF READERS OF LITERARY TEXTS IN
MODERN FOREIGN LANGUAGES/ENGLISH**

Francisco Saraiva Moreira Júnior ¹

Rubra Pereira de Araujo ²

Universidade Federal do Tocantins

Resumo: A Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018) propõe cinco eixos organizadores para o componente de Língua Inglesa, dentre os quais, o eixo Leitura refere-se às práticas de linguagem que resultam da interação do leitor com o texto escrito e sua multimodalidade. O presente artigo aborda essa temática nos seguintes aspectos: os obstáculos para a constituição e formação de sujeitos leitores em língua inglesa; a importância da leitura de textos literários em caráter midiático em inglês para a fluência e a interculturalidade possível; o papel da leitura na formação de estudantes críticos e autônomos; e o seu uso objetivando a fruição estética. Nesse sentido, apresentamos a biografia e bibliografia de Rupi Kaur, escritora indiana que tem ocupado as páginas das redes sociais na contemporaneidade, chamando a atenção para temas existenciais universais, como amor, autoestima e intensidade juvenil.

Palavras-chave: Leitura; Formação de leitor; Desafios; Papel do Professor; BNCC.

Abstract: The National Common Curricular Base (Brazil, 2018) proposes five organizing axis for the English Language component, including the Reading axis, which refers to language practices that result from the reader's interaction with the written text. This article approaches this topic in the following aspects: the obstacles to the constitution of the reading person in English; the importance of reading in English for fluency and interculturality; the role of reading in the formation of critical and autonomous students; and its use aiming aesthetic enjoyment.

Keywords: Reading; Reader training; Challenges; Role of the Teacher; BNCC.

Recebido em 14 de novembro de 2024.

Aprovado em 15 de dezembro de 2024.

¹ Mestrando em Letras, com ênfase em Língua Inglesa no Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Tocantins, *campus* de Porto Nacional. Professor de Inglês na rede estadual de ensino/SEDUC do estado do Tocantins. E-mail: saraivajunior@teachers.org

² Professora Adjunta responsável pelo componente curricular de Literatura, Leitura e Ensino no PPG- Letras da Universidade Federal do Tocantins, *campus* de Porto Nacional. E-mail: rubraaraujo@mail.uft.edu.br

Introdução



Poema de ‘Outros jeitos de usar a boca’ (2017), de Rupi Kaur (Foto: Divulgação)

A epígrafe em tela são versos de um poema de autoria de Rupi Kaur, uma poeta indiana contemporânea que introduziu uma nova onda de publicação de postagens na plataforma digital do Instagram e tem despertando leitores pelo mundo inteiro, sobretudo pelas suas digressões literárias. A autora explica que seus poemas e ilustrações são coisas universais, que acontecem com muitas pessoas. Seu primeiro livro de poemas *Outros jeitos de usar a boca* (2017) foi traduzido para mais de trinta línguas e vendeu 100 mil exemplares só no Brasil. Trata-se de uma verdadeira best-seller na atualidade, uma poesia breve que orbita dores existenciais universais de temas como amor, infanticídio, depressão, perda e abuso sexual e psicológico.

O esboço e ideia de construção deste texto nasceu nas aulas do componente curricular de Literatura, Leitura e Ensino, na condição de aluno-especial no Programa de Pós-Graduação em Letras na aspiração de conseguir uma vaga na seleção do referido mestrado. As inúmeras leituras, discussões e aprofundamento teórico nas intrínsecas relações tecidas entre os conhecimentos estéticos, sobretudo no tocante ao poder libertador da manifestação artística da Literatura, pressupostos teóricos e metodológicos da Leitura e as possíveis conexões com o ensino no contexto das escolas públicas de educação básica como professor de Língua Inglesa. Nesse sentido, a indagação de

pesquisa seria: é possível formar leitores de textos práticos e estéticos em língua estrangeira moderna? Caso a resposta fosse afirmativa, quais seriam os meios ou a metodologia viável?

A Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018) propõe cinco eixos organizadores para o componente de Língua Inglesa, dentre os quais o eixo Leitura, que se refere às práticas de linguagem que resultam da interação do leitor com o texto escrito. O presente artigo aborda essa temática nos seguintes aspectos: os obstáculos para a constituição de sujeitos leitores em língua inglesa; a importância da leitura em inglês para a fluência e a interculturalidade; o papel da leitura na formação de estudantes críticos e autônomos; e o seu uso objetivando a fruição estética.

Pensar sobre a formação de leitores no cenário brasileiro é desafiador. O fato de não haver uma política voltada para isso, que passa tanto pela formação do docente, quando na ausência de ambientes adequados para a efetivação dessa prática nos ambientes escolares, são barreiras com as quais os professores têm lutado para romper e desempenhar um papel de motivador, primeiramente de si, e depois dos seus estudantes. Refletir sobre formação de leitores em língua inglesa em um país que tem um percentual muito baixo de falantes desse idioma estrangeiro, se torna muito delicado, ou para alguns, desesperador.

A Base Nacional Comum Curricular, doravante BNCC (2018) apresenta cinco eixos de ensino de língua inglesa: Oralidade, Leitura, Escrita, Conhecimentos Linguísticos e Dimensão Intercultural. O presente artigo se detém ao eixo de leitura e suas implicações para os estudantes da modernidade em quatro partes. A primeira apresenta um diagnóstico da situação do país em relação ao ensino do idioma, tendo como base pesquisas do British Council e apresenta algumas soluções para transpor os obstáculos; a segunda parte discute sobre a importância da prática leitora para a ampliação do conhecimento cultural e, conseqüentemente, o desenvolvimento de habilidades para o convívio pacífico e harmonioso com aquele que pensa e vive de forma diferente (alteridade); a terceira aborda o papel da formação de leitores sob a perspectiva de sua formação pessoal com vistas ao exercício consciente de sua cidadania em um mundo plural e sem fronteiras; e, por último, aborda algumas questões sobre a leitura em língua inglesa objetivando a fruição estética.

1. Os desafios da formação de leitores em língua inglesa no Brasil

Na atual configuração das nações, a disposição para a compreensão de outras culturas é essencial para que as relações sejam de acolhimento e de aceitação, e a adoção de um idioma para a comunicação internacional parece ser um caminho importante para isso. Pode-se observar esse fenômeno desde tempos remotos: o grego, durante a expansão da colonização grega; o latim, durante a dominação do Império Romano e na idade média pela Igreja Católica; e mais recentemente a língua inglesa. As razões para que isso ocorra variam desde interesses políticos, econômicos e até culturais. Os resultados nem sempre são favoráveis às culturas e povos minoritários, mas, em essência não é a língua que faz isso, mas os que a usam, tornando-a como “o lugar em que a ideologia se manifesta concretamente” (Brandão, 2012, p. 9). Portanto, é possível conceber um idioma como ferramenta que pode ser – e é – usada para alcançar certos fins.

Passando para um aspecto mais positivo de um idioma (dominante e/ou colonizador), em especial o inglês, pode-se considerar seu uso/domínio como instrumento para a ampliação do repertório cultural. A seguir serão expostas algumas pesquisas que mostram a urgência dessa concepção em relação à população brasileira e seu domínio da língua inglesa.

Conforme o British Council (2014), em sua pesquisa divulgada sobre as demandas de aprendizagem de inglês no Brasil, constatou-se que apenas “5,1% da população de 16 anos ou mais afirma possuir algum conhecimento do idioma inglês” (British Council, 2014, p. 7). Esse percentual cai para 3,4% nas classes menos favorecidas socioeconomicamente. A principal razão para o baixo nível em conhecimento da língua inglesa apresentada pelos brasileiros, segundo o documento, “é decorrência direta das oportunidades educacionais a que eles têm acesso” (British Council, 2014, p. 7).

Pesquisas mais recentes do Índice de Proficiência em Inglês da Education First (EF EPI, 2021) classificam o Brasil como país de baixa proficiência, ocupando a posição 60º entre 112 países. O destaque é que fica bem atrás dos vizinhos Uruguai, Paraguai, Bolívia e Argentina, e nenhum destes está na categoria de baixa proficiência. A Argentina, por exemplo, figura entre as nações de alta proficiência, na frente da França, e apenas uma posição abaixo da Nigéria, ex-colônia britânica, onde o inglês é o idioma oficial.

Já na pesquisa da mesma agência, divulgada em 2023, continuando entre os de

baixa proficiência, o Brasil cai para a posição 70º entre os 113 países pesquisados. De acordo com o British Council (2015), esse baixo índice de falantes de língua inglesa no país “prejudica a inserção do Brasil em um contexto globalizado” (British Council, 2015, p. 24) e chega a algumas conclusões sobre o ensino de inglês na educação pública no Brasil, das quais uma delas é que o “inglês é uma disciplina que demanda mais atividades lúdicas, coletivas e interativas para gerar engajamento dos alunos e envolvimento prático com a língua” (British Council, 2015, p. 24). Entretanto, o que se percebe é o uso de métodos tradicionais e pouco atrativos, e materiais (quando existem, visto que a realidade é que os acervos das bibliotecas estão majoritariamente em língua portuguesa) inapropriados ao nível, às aspirações e interesses dos estudantes.

Esses dados mostram uma realidade delicada no ensino de língua estrangeira nas escolas públicas do país e que exige reflexões que visem a uma ação concreta. Falar de formação de leitor em língua inglesa requer a exposição desse diagnóstico. Mas o que fazer diante dessa realidade? O British Council, em sua pesquisa de 2015, aponta algumas sugestões, conforme elencadas a seguir:

- Iniciar o ensino do inglês no Fundamental I;
- Aumentar a carga horária do componente curricular;
- Formar turmas com menos alunos;
- Dividir os estudantes em turmas por nível de conhecimento (nivelamento);
- Deve haver oferta de dicionários, revistas, livros paradidáticos, jornais, jogos e murais em inglês, sempre compatíveis com o nível dos alunos.

Portando, esses problemas, somados a tantos outros, se apresentam como desafios que precisam ser superados com políticas públicas específicas voltadas para a formação de um leitor autônomo, que passa necessariamente por uma formação docente também voltada para o ensino da leitura em língua inglesa, além dos aspectos gramaticais, tanto enfatizados nas formações iniciais. Dos itens elencados acima, discordamos da possibilidade de nivelamento, pois contraria a heterogeneidade inerente ao processo de ensino e aprendizagem em uma escola pública de educação gratuita para todas e todos.

2. A leitura que promove fluência e conhecimento intercultural

Freire (1983) afirma que a leitura de mundo e a leitura da palavra estão intrinsecamente ligadas, e que a primeira precede a segunda. Nesse sentido, a ação do leitor é uma interconexão entre seu mundo e o novo mundo apresentado no texto escrito, o que gera uma ressignificação de sentidos e a apropriação de novos repertórios culturais. O processo de conhecimento de uma nova língua segue um curso parecido, porque aprender um novo idioma vai além do saber comunicar-se na língua alvo, mas ter um entendimento das construções culturais que os seus falantes fizeram ao longo de suas próprias histórias.

O idioma inglês tem desempenhado uma função significativa no cenário mundial já algumas décadas tornando-se a língua internacional da aviação e das viagens marítimas, da computação, da música popular, da política, da ciência, da medicina, dos esportes, dos filmes e da TV (FERRARI, 2003) e, mais recentemente, da rede mundial de computadores. Esse fenômeno não pode passar despercebido, exigindo um posicionamento consciente e a tomada de decisões que ajudem na promoção do domínio dessa ferramenta por parte dos estudantes. O apego a métodos tradicionais de exposição dos conteúdos, fundamentalmente as regras do idioma, sem muita conexão com o seu uso no dia a dia, gera frustração e um empecilho à fluência linguística. Entretanto, programas muito interessantes da Embaixada dos EUA e do Conselho Britânico, podem contribuir na formação em exercícios dos professores a reinventarem suas aulas e torná-las mais significativas para os estudantes.

O fato de a língua inglesa atualmente ser abordada nos documentos oficiais como língua franca, de domínio global, e não apenas se resumindo ao domínio linguístico e cultural da Inglaterra e Estados Unidos, abre um leque de possibilidades e representa um avanço no entendimento da posição desse idioma no mundo. Nesse sentido, tanto o ensino da língua em si quanto a formação de leitores passam a ter um novo significado, oferecendo a oportunidade de conhecer as mais variadas culturas, perspectivas e visões a respeito dos mais diversos valores, além da ampliação da própria cosmovisão, desnudando, assim, rótulos e preconceitos a respeito de culturas e povos (em sua maioria onde o inglês foi imposto pelos colonizadores). Tornar-se um leitor em língua inglesa, é,

portanto, uma porta para outros mundos, favorecendo o crescimento tanto pessoal quando profissional.

Além disso, com o avanço de discursos não democráticos e em alguns lugares uma exacerbada tendência ultranacionalista põe em risco a paz entre os povos, que é baseada na comunicação, respeito e tolerância com o próximo. O inglês como língua franca (de domínio global, sem propriedade exclusiva) derruba barreiras e constrói pontes, proporcionando o diálogo e a compreensão recíproca.

Assim, como a maior parte das produções científicas é divulgada em língua inglesa, isso se estende para as demais áreas, como literatura e cinema. A título de exemplo, de acordo com um relatório sobre diversidade linguística, 95% dos artigos produzidos são publicados em inglês. E quando o recorte se restringe aos pesquisadores ibero-americanos, o percentual de publicações em português ou espanhol é de apenas 1% (Bonilla, 2021). Esse fato pode gerar um movimento pendular. Por um lado, pode-se ter uma tendência a pensar numa “ditadura” do idioma anglo saxão, perpetuando, assim, a função colonizadora que o idioma teve ao longo da história. Por outro lado, pode-se considerá-lo como libertador, visto que serve de veículo do conhecimento para o mundo. Um ponto interessante a ser considerado é o fato de se usar esse idioma, outrora colonizador, como um instrumento de decolonização, como meio de espalhar ideias e práticas que estejam de acordo com o pensamento moderno sobre temas como democracia, inclusão, respeito e promoção da paz entre os povos.

3. O papel da leitura em língua inglesa na formação de estudantes críticos, reflexivos e autônomos

Torres e Alves (2018) afirmam que um dos papéis mais importantes da leitura em língua inglesa é a constituição social do sujeito e o fato de torná-lo consciente e crítico. Esses aspectos corroboram com o Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI, ao afirmar que uma das tarefas essenciais da educação é “preparar cada indivíduo para se compreender a si mesmo e ao outro, através de um melhor conhecimento do mundo” (Delors, 2001, p. 47). E a leitura oferece a oportunidade para essa ampliação dos horizontes pessoais e interpessoais.

De acordo com a BNCC, ao falar sobre a inserção do estudante em um mundo social cada vez mais globalizado e plural, ver no estudo da língua inglesa a possibilidade de:

Acesso aos saberes linguísticos necessários para engajamento e participação, contribuindo para o agenciamento crítico dos estudantes e para o exercício da cidadania ativa, além de ampliar as possibilidades de interação e mobilidade, abrindo novos percursos de construção de conhecimentos e de continuidade nos estudos. Brasil, (2018, p. 241)

Aqui podem ser destacados alguns aspectos que são primordiais para a formação pessoal tendo como base a leitura em inglês.

A princípio, a Base destaca, de forma acurada, o caráter plural das sociedades modernas e as fronteiras difusas e contraditórias dos países na atualidade. Essa percepção serve de pano de fundo, justificativa e preparação para a formação de um ser humano que esteja preparado para os desafios que não eram comuns até pouco tempo. Como o dito atribuído a Heráclito de Éfeso de que a única constante é a mudança, o mundo atual passa por mudanças rápidas e muitas vezes não encontra sujeitos resilientes ou que estejam dispostos a se reinventarem. O desafio é o desenvolvimento de um aprendente consciente de si e de seu tempo.

Em seguida, a Base apresenta uma das ferramentas necessárias para a participação nesse novo contexto global, a saber o estudo da língua inglesa, por poder oferecer o acesso “aos saberes linguísticos” indispensáveis para a sua integração no cenário contemporâneo do mundo. Esse sair do estado de invisibilidade, em que estão muitas sociedades da periferia do capitalismo, é crucial para que se rompam barreiras e tenham suas vozes ouvidas e suas faces conhecidas. Portanto, essa língua é um instrumento de envolvimento ativo, presença marcante e exercício efetivo do seu lugar no espaço (geográfico ou cultural).

Ainda, ao postular que a língua inglesa descortina maneiras diferentes para a “construção de conhecimentos”, a Base aponta para um futuro em que caminhos podem ser traçados e objetivos alcançados, revelando um mundo novo que pode ser construído e, quem sabe, trazer solução para dilemas que afligem a humanidade há séculos.

À vista disso, a leitura em língua inglesa se apresenta como uma das bases para a formação de um ser humano mais crítico, mais consciente de si no mundo, mais empático com o próximo por conhecê-lo melhor e, acima de tudo, comprometido com o bem-estar geral no futuro.

4. A leitura em língua inglesa objetivando a fruição estética

A leitura de fruição passa, indispensavelmente, pelo desenvolvimento das competências leitoras, mas também pelo conhecimento dos diversos gêneros textuais em circulação sociocultural.

Todo estudante traz consigo uma leitura de mundo adquirida com sua família ou grupo social do qual participa e isso produz algumas tendências. O tipo de texto ou o gênero textual que lhe chama atenção podem ser os mais diversos e, portanto, a sua exposição à maior quantidade possível seja muito útil. Pode ser que de início ele(a) goste de uma crônica, um conto, um romance, uma fábula, um diário, ou quem sabe uma notícia. Esse contato inicial abre portas para a construção de novos gostos, novas tendências.

Outra metodologia possível quanto ao eixo da educação estética ou literária é viabilizar o contato com poesias em pequenos trechos, no gênero haicai³, poesias em formatos de textos publicitários e até mesmo o contato de autores contemporâneos que se destacam com adesão de grande público e publicam no idioma inglês. Um exemplo de uma poetisa jovem contemporânea que têm conquistado o grande público é **Rupi Kaur**, uma poetisa feminista contemporânea indiana, escritora e artista da palavra falada indiano-canadense, da qual elegemos como epígrafe deste texto. Ela é popularmente conhecida como *Instapoet* pela atenção que ela ganha online com seus poemas publicados na rede social do Instagram entre outras plataformas digitais. Versos de seus poemas extraídos de seus recentes livros publicados recebem milhões de curtidas e compartilhamentos entre os jovens de todos os países.

³ Haicai é um gênero de poesia com forma fixa. Possui três versos: o primeiro e o terceiro são redondilhas menores — versos de cinco sílabas —, e o segundo, redondilha maior — verso de sete sílabas. ...

A jovem poetiza introduz suas postagens de poesia com ilustração na plataforma do Instagram e consegue milhões de seguidores pelo mundo inteiro, tornando-se uma verdadeira *best-seller* na contemporaneidade e seus livros traduzidos para mais de 30 idiomas. O seu lirismo de dores existenciais e com capacidade de expressar a incompletude humana talvez possa ser um dos motivos de tantos seguidores leitores. Essas observações podemos extrair dos versos a seguir:

(...)

nossa alma
 não vai encontrar calma
 nas nossas conquistas
 na nossa aparência
 nem no nosso trabalho árduo
 mesmo se ganhássemos
 todo o dinheiro do mundo
 ainda sentiríamos falta de algo
 nossa alma busca comunidade
 nosso eu mais profundo busca um ao outro
 precisamos viver em contato
 para nós sentirmos vivos

(...)

(KAUR, 2020, p. 109)

Os versos do poema extraído do livro *Meu corpo minha casa* (2020) demonstram liricamente e de forma filosófica o dilema da vida que anseia pela coletividade em uma sociedade eminentemente individualista. Uma proposta para o professor de Língua Inglesa seria promover o contato direto dos estudantes na leitura de trechos originários dos poemas da autora em inglês e suscitar uma discussão com as traduções e versões, despertando o interesse dos leitores a lerem as obras no idioma nativo da escritora. Este trabalho com o caráter bilíngue denotaria a importância da interculturalidade, valorizando as diferentes culturas envolvidas.

Esse contato com o mundo literário, seja ele canônico ou não, desperta a curiosidade, estimula a imaginação, produz sentimentos e amplia o repertório cultural. A seguir são elencadas algumas perspectivas de como a fruição estética pode ser levada em consideração quando em contato com o texto literário.

O ponto inicial é a disponibilidade de obras em língua inglesa entre os acervos dos ambientes que o estudante frequenta, sejam os físicos, como as bibliotecas, inclusive a

escola, ou os virtuais. Como já mencionado anteriormente, a carência de livros disponíveis em língua inglesa na maioria das bibliotecas ou, quando tem o foco é o professor, cria um ambiente em que fica inviável as práticas leitoras. Em alguns ambientes virtuais, como por exemplo, os livros eletrônicos (*e-books*) gratuitos da biblioteca da *Amazon*, disponíveis tanto para aparelhos *kindle* quanto para o aplicativo, pode-se observar que as versões de algumas obras de autores clássicos de Literaturas de Língua Inglesa, como Shakespeare, Edgar Allan Poe, Mary Shelley, Oscar Wilde, Herman Melville, Emily Dickinson, H. G Wells, apenas para citar algumas, estão em um inglês com estrutura gramatical e vocabular, em boa parte, já estão em desuso. A alternativa seriam as versões adaptadas de algumas obras, que também podem ser encontradas em ambientes virtuais. Com isso em mãos dá para ter algum progresso nesse sentido. O foco na educação literária pode ser associado com a análise linguística de evolução da língua, enquanto patrimônio dinâmico e não estático.

Um outro ponto que merece destaque é o ambiente da própria sala de aula, que nas escolas públicas são superlotadas e, com isso, mais barulhentas que o normal. Esse ambiente não é propício para a prática da leitura com o objetivo de puro prazer. Somado a isso, há também o espaço de tempo, que normalmente é curto para as aulas de língua inglesa sob a supervisão e orientação do professor. O eixo da leitura não deve ser suprimido, pelo contrário, cabe à criatividade do professor ler com os estudantes, promover saraus, improvisar outros espaços, como biblioteca, quadra esportiva, uso de fundo musical, entre outras alternativas de tornar a prática da leitura um ato cotidiano nas aulas de Língua Inglesa.

Sabemos que os obstáculos que se apresentam podem ser grandiosos, porém, uma vez que esses desafios sejam superados, tendo a motivação adequada, a leitura se apresenta como um caminho extraordinário que abre possibilidades incríveis.

5. Considerações finais

Embora existam desafios na efetivação da formação de leitores em língua inglesa no Brasil, esta é uma ferramenta poderosa para a comunicação internacional, para a cooperação entre os povos de diferentes culturas e nacionalidades. A interculturalidade

bilíngue traz inúmeros benefícios na ampliação de repertórios e conhecimentos de mundo. O domínio do idioma moderno internacional é o caminho mais curto para o acesso ao conhecimento científico, tecnológico e cultural do mundo. Aprofundar os conhecimentos por meio da interação do leitor com o texto escrito aperfeiçoa as habilidades linguísticas, amplia a compreensão do seu lugar no mundo e a situação do outro, provendo uma convivência de paz, além de colocar o leitor na posição de colaborador nas soluções dos problemas presentes e ser corresponsável com as futuras gerações.

Concluimos esse trabalho com a moldura da epígrafe de abertura de autoria da sugestão do corpus literário da escritora Rupi Kaur, extraíndo duas lições que podem ser a força motriz para docentes e discentes. A primeira é que “todos nascemos tão bonitos”. Temos a tendência de olhar o de fora como superiores, como melhores, mas os caminhos traçados para que chegassem a tal patamar estão disponíveis para todos. Por exemplo, o Índice de Proficiência em Inglês da Education First (EF EPI, 2023) lista Holanda, Noruega e Finlândia como nações bem-sucedidas na implantação do ensino de língua inglesa. E eles trilharam um percurso para que isso ocorresse. O Brasil precisa apenas olhar para si como aquelas nações o fizeram. A solução não vem de fora, não podem ser importadas, mas construídas conforme as peculiaridades e criatividade próprias.

Conscientizar-se do estado atual é o primeiro passo para avançar. O país tem todas as ferramentas necessárias e disponíveis para isso: uma legislação que contempla esse aspecto, recursos financeiros suficientes, possibilidade de parcerias e a vontade/anseio dos profissionais da área. A segunda lição é extraída do verso do poema de Rupi Kaur: “a grande tragédia é que nos convencem de que não somos”. Esse processo de formação de leitores é um ponto importante para que o país esteja de fato livre das amarras do seu passado de colônia. As conversações internas, responsáveis pela autopercepção, têm um papel crucial nas tomadas de decisões que impulsionem para frente, de forma autônoma.

Nem sempre é o que dizem ou pensam ao nosso respeito, mas como nos vemos. Aqui é um chamado urgente para dar o passo seguinte como nação bilíngue ou poliglota de fato inserida entre os que já o alcançaram, através de uma geração com identidade própria, responsável por si, e traçando seu próprio destino.

Referências

BONILLA, Juan Miguel Hernández. **Em 95% dos artigos científicos, inglês cria ‘ditadura da língua’. Apenas 1% está em português e espanhol.** 2021. Disponível em <<https://brasil.elpais.com/ciencia/2021-07-28/em-95-dos-artigos-cientificos-ingles-cria-ditadura-da-lingua-apenas-1-esta-em-portugues-e-espanhol.html>> Acesso em: 26 set. 24.

BRANDÃO, Helena Nagamine. **Introdução à Análise do Discurso.** 2 ed. Campinas, RJ: Editora da UNICAMP, 2004.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular.** Brasília: MEC, 2018. BRITISH COUNCIL. **Demandas de Aprendizagem de Inglês no Brasil.** São Paulo: British Council Brasil, 2014.

_____. **O Ensino de Inglês na Educação Pública Brasileira.** São Paulo: British Council Brasil, 2015.

DELORS, Jacques. **Educação: um tesouro a descobrir.** 6ed. São Paulo: Cortez, 2001.

EF English Proficiency Index. **A Ranking of 112 Countries and Regions by English Skills.** [s.l.] EF Education First Ltd, 2021.

_____. **A Ranking of 113 Countries and Regions by English Skills.** [s.l.] EF Education First Ltd, 2023.

FERRARI, Marisa Tieman. **Inglês, De Olho no Mundo do Trabalho.** São Paulo: Scipione, 2003.

FREIRE, P. **Pedagogia dos sonhos possíveis.** São Paulo: Paz & Terra, 2014

KAUR, Rupí. **Outros jeitos de usar a boca.** São Paulo: Planeta, 2017.

KAUR, Rupi. **Meu corpo minha casa**. Tradução de Ana Guadalupe. São Paulo: Planeta, 2020.

TORRES, Rosilene Oliveira; ALVES, Rita de Cássia Bezerra. A importância da leitura em língua inglesa. **Anais Eletrônicos do IV Seminário Formação de Professores e Ensino de Língua Inglesa**, São Cristóvão/SE, UFS, VOL. 4, 2018.